

Geografia: Leituras Culturais

ALMEIDA, Maria Geralda de, RATTI, Alessandro J.P. (orgs.).

Goiânia: Editora Alternativa, 2003. 284 p.

Paul Claval*

E através do Brasil do interior profundo, do sertão do Nordeste, Sergipe ou Ceará, o Cerrado de Minas Gerais ou de Goiás que os autores, reunidos por Maria Geralda de Almeida e Alessandro Ratti, nos conduzem. Eles levam o olhar do pesquisador a um passeio em consonância com as tendências recentes na discussão sobre a cultura, mostrando também a sua preocupação de designar às dominações econômicas e às forças sociais o lugar a qual pertencem. Eles se referem especialmente aos componentes populares da cultura brasileira e aos desafios postas pela modernização.

Esse Brasil do interior não é visto da mesma maneira por todos : Maria Geralda de Almeida anuncia que “abordarei as representações de sertão e sertanejos elaborados por alguns eruditos, ou melhor, os de ‘fora’, para, posteriormente, expor aquelas dos próprios sertanejos. Priorizei a pluralidade dos olhares” (p. 74). A visão que um ou outro possui não é a mesma : “As visões do sertão aqui reveladas pelos ‘de dentro’ como pelos ‘de fora’ evidenciaram diferentes paisagens sobre o sertão : para os ‘de dentro’, ele constitui o espaço territorial natural socializado, o conhecido, o ‘nosso’ sertão; para os ‘de fora’, é um espaço natural ainda não socializado, o ‘lá’, imaginário e ignoto” (p. 86).

A natureza do Nordeste é fantástica : “No livro *Os Sertões* de Euclides da Cunha, a paisagem sertaneja oscila. Ela vai da extrema aridez à exuberância extrema...” (Maria de Fátima Rodrigues, p. 96). Para os sertanejos isso provoca catástrofes periódicas: “seca, partida, fome, chuva, retorno são palavras que compõem o vocabulário do sertanejo do Nordeste, seja nos períodos de inverno, seja nos de estiagens” (Maria de Fátima Rodrigues, p. 100). O resultado é uma obsessão por tudo: fazer a previsão da chegada da chuva! É ela que explica o lugar certa dentro das leituras locais através do *Lunário perpétuo*, um almanaque publicado em Portugal onde se pode esperar encontrar a chave que faz saber o tempo que haverá em oito horas, daqui a um mês etc.

As festas, sobretudo aquelas que se realizam em junho no tempo da colheita, mostram como os ritmos do ambiente estão integrados na cultura local (Doralice Satyro Maia). Em uma região de criação e pecuária como o sertão, onde as propriedades não estão muradas, os vaqueiros deviam se reunir para escolher e marcar os animais: eis a origem das vaquejadas, festas rurais por excelência visto que se desenvolvem no interior mais afastado da região. Consolidadas a partir do fim do século XIX, elas se mantiveram durante toda a primeira metade do século XX ainda que as terras agora estejam fechadas: doravante elas fazem parte do folclore sertanejo.

* Université de Paris-Sorbonne.

As sociedades do interior são assim portadoras de uma cultura atrelada a uma terra difícil na cujos mistérios gostariam de penetrar e que elas tentam dominar através de práticas de ajuda mútua que soldam as comunidades rurais como faz lembrar Rosselvelt Santos no caso do Cerrado do Triângulo Mineiro.

Pelo fato de subsistir em um ambiente sempre imprevisível, é melhor não apenas falar da cultura e a criação e pecuária, como nos mostra Maria Augusta Vargas: É isso que a população do Baixo São Francisco entendeu ao vender desde sempre sua renda, sua cerâmica e suas cestarias nas feiras da região.

As condições econômicas mudam. Há um período em que o turismo se desenvolve. Maria Augusta Vargas mostra como as atividades de artesanato do Baixo São Francisco oferecem novos recursos para a população local: elas lhes permitem redefinir seu patrimônio e resistir às culturas vindas do exterior. Em Minas Gerais, Rosselvelt Santos estuda como as comunidades antigas chegam a inscrever seus valores culturais dentro de situações sociais diferentes daquelas da sua tradição. (p.155).

Depois de uma geração, as vaquejadas das regiões de pecuária foram transformadas em festas para o povo das cidades e, ao mesmo tempo, em uma forma de esporte.: “Estes são ‘vaqueiros inventados’ que procuram resgatar um passado rural e, em nome dele, defendem a sua tradição, no caso tradição inventada, quando então se realizam enquanto empresários ou bem-sucedidos homens rurais” (Doralice Maia, , p. 181).

O Brasil do interior de que nos fala essa coletânea não é puramente rural, porque as cidades do interior nasceram através do sertão. No Ceará do século XVIII, estudado por Eustógio Dantas, elas surgiram quando o comércio de gado em direção a Recife aumentou, o que implicou na criação de instalações para secar a carne e tratar o couro. Era preciso esperar até o fim do século XIX para que Fortaleza e o litoral cearense se tornassem os lugares privilegiados do desenvolvimento urbano.

Por muito tempo as cidades tem sido confrontadas com os terríveis surtos de mortalidade. São elas que levaram a questionar um dos costumes em que os brasileiros, católicos fervorosos, insistiram com muita força: ser enterrado na igreja ou a pouca distância da casa. Como salienta Clélia Lustosa Costa, é uma verdadeira revolução cultural que o higienismo assim provoca no século XIX quando leva a escolher localizações peri-urbanas para os cemitérios.

Carlos Eduardo Maia aparentemente nos conduz para longe do Brasil do interior, porque nos fala do Rio de Janeiro e das escolas de samba. Mas ao analisar “o bairro como ‘formo-conteúdo’ elementar do ‘mundo do samba’” (p. 186), ele nos mostra como essa festa em estilo de um grande espetáculo está intimamente ligada às realidades sociais e culturais dos bairros populares da cidade, aos *terreiros* onde se expressa uma cultura popular com forte influência africana (p.187).

Cometer-se-ia uma injustiça ao considerar as culturas do Brasil tradicional como homogêneas: Alecsandro Ratts frisa esse fato na hora de recordar que as aldeias dos índios edos quilombos dos escravos fugitivos se inscreveram na margem das formas da sociabilidade dominante. Essas diferenças não desapareceram. A população negra que vem dos antigos quilombos no interior encontra-se nas mesmas ruas de Fortaleza. E ainda mais: “Por toda a segunda metade do século XX, assistamos ao emergir e ao desenrolar de movimentos protagonizados por grupos étnicos e sociais” (p. 33). O autor segue uma nova geografia da etnicidade brasileira: “Em toda localidade, fronteiras

sociais móveis coexistem com demandas de demarcação ou de manutenção das terras em nome do grupo” (p. 46).

É necessário ver, diante das repetidas violações dos direitos ancestrais das comunidades indígenas da Amazônia, a mão todo-poderosa das empresas petroleiras e das grandes transnacionais como escreve Micheline Ladouceur? Eis uma pergunta que precisa ser feita.

Ao evocar os problemas dos ciganos, Solange Guimarães se apega a pessoas que “vivenciam uma paisagem geográfica ‘enraizados em territórios móveis” (p. 65).

No último artigo da coletânea, Jörn Seemann situa a geografia cultural dentro do movimento geral que afeta a geografia do presente: “o objetivo deste artigo é tentar ligar a cultura mais estreitamente à prática espacial para compreender melhor a particularidade existência da geografia cultural” (p.262).

Maria Geralda de Almeida e Alecsandro Ratts nos oferecem, através de um “passeio” pelo Brasil do interior e pelas suas culturas populares, uma bela perspectiva sobre a geografia cultural como ela se realiza atualmente no Brasil: uma disciplina atenciosa para com as correntes de pesquisa estrangeiras; geógrafos que sabem se ligar ao campo e ao seu saber falar; temas comuns, mas com inspirações diversas como se deve esperar de todas as disciplinas vigorosas.

(Tradução: Jörn Seemann)

